

**RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA, OU
“DÊEM UM JEITO NESSAS MENINAS, POIS ESTÃO UNS FOGUETINHOS”**

Andressa Araujo Perobelli*

Adriana Ribeiro Fidelis**

Lucieli Mai Saifert***

Izaque Machado Ribeiro****

Resumo: O presente trabalho baseia-se em práticas de estágio de Psicologia realizadas em uma escola pública de ensino fundamental, localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul. Esta experiência teve duração de um ano e meio e teve como público-alvo estudantes do quinto a nono anos. Nossa proposta foi a de produzir reflexões - através de dinâmicas grupais - com estudantes (e na própria escola) acerca das chamadas pedagogias da sexualidade, procurando problematizar como as mesmas operam no âmbito da regulação dos corpos e das sexualidades no contexto educacional e, portanto, produzem determinados sujeitos. Como aparato teórico usamos a Teoria Queer, a qual procura desconstruir/desestabilizar as formas normativas de se pensar a educação e a sexualidade na escola.

Palavras-chaves: Sexualidade. Educação. Teoria Queer. Corpo.

Introdução

Este trabalho é um relato de experiência de práticas de estágio de grupos em Psicologia, realizado em uma escola de ensino fundamental em uma cidade da região central do estado do Rio Grande do Sul. Para fins de sigilo, nomearemos ficticiamente a instituição escolar de Escola João Gomes. O objetivo é produzir reflexões acerca das pedagogias da

* Acadêmica do VII semestre de Psicologia da Universidade Regional Integrada URI Campus Santiago. E-mail: andressa.perobelli@hotmail.com

** Acadêmica do VII semestre de Psicologia da Universidade Regional Integrada URI Campus Santiago. E-mail: adrianafassinirpsico@outlook.com

*** Acadêmica do VII semestre de Psicologia da Universidade Regional Integrada URI Campus Santiago. E-mail: lucieli.saifert@hotmail.com

**** Professor do curso de Psicologia Universidade Regional Integrada URI Campus Santiago coordenador o coletivo TRANSEX. E-mail: izaqueribeiro@yahoo.com.br

sexualidade que perpassam o território escolar e moldam subjetividades e corpos. Através de nossa experiência de estágio, percebemos o quanto o contexto escolar pode ser produtor de espaços que dão vazão a temas que seus estudantes querem discutir além da sala de aula. Percebemos, por outro lado, que na medida em que processos emancipatórios sobre a sexualidade das/os alunas/os eram "despertados", a escola tendia a produzir boicotes na realização dos grupos com os estudantes. Neste sentido, a situação-problema que move nossa reflexão consiste em questionar os motivos pelos quais ocorriam em nossa prática com as/os estudantes tais efeitos .

A seguir, após fundamentação teórica inicial, descreveremos os três estágios em Psicologia, realizados em momentos distintos na Escola de Ensino Fundamental João Gomes. Na medida em que formos explanando estas práticas e seus momentos emblemáticos, traremos algumas/uns autoras/es ligados à chamada Teoria Queer para ajudar-nos na reflexão e na produção de novos questionamentos acerca das pedagogias da sexualidade.

1 Teoria Queer

A Teoria Queer emerge nos anos 90 nos Estados Unidos e é fruto das lutas sociais por igualdade de direitos na esfera da sexualidade. Originariamente o termo ‘queer’ dizia respeito a uma forma de insulto àquelas pessoas que escapavam a norma social vigente acerca da sexualidade humana (Heteronormatividade). Com o passar do tempo, teóricos e ativistas sociais se apropriam deste conceito, o qual passa a designar certo modo de agir no campo da sexualidade e das relações de gênero a partir da desnaturalização daquilo que está cristalizado, questionando, por exemplo, vias únicas e lineares de entendimento - como a biológica - acerca da sexualidade. Faz parte do movimento pós-estruturalista e tem forte cunho contestatório, indo de encontro a explicações universais e totalitárias a respeito de instâncias como o sexo, o corpo e o gênero.

Segundo Miskolci, “o queer revelou um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, as quais, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares.”(2009, p.7)A Teoria Queer propicia a desconstrução dos argumentos que reprimem e reduzem as formas de diversidade, levando em consideração as diversas modos de viver e de experienciar os gêneros e a sexualidade, as distintas posições de sujeito e tudo aquilo que o constitui, considerando-o instável, circunstancial, e não estático.

Segundo a estudiosa da educação Louro, “Seu ‘objeto’ de estudo pode ser entendido essencialmente como os sujeitos abjetos, ou seja, aqueles que escapam das normas regulatórias estabelecidas por uma sociedade. A importância desses sujeitos reside no fato de que eles demarcam as fronteiras para os corpos que materializam a ‘norma’, para os corpos que realmente ‘importam’” (2004, p.2).

A escola acaba sendo um eficiente espaço de regulação de gênero, e os educadores acabam por retroalimentar a lógica binária de gênero, regulando os discursos de forma que legitimam aqueles alunos que estão adequados as normas e deslegitimam aqueles que não estão. Louro aponta para as formas como se dão essas interdições: “Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade. Legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. (2007, p.31)”. A Teoria Queer aliada a educação visa a transgressão de normas instituídas, desconcertando e desestabilizando o esquema de educação.

2 Desenvolvimento

O Coletivo TRANSEX(TRANSvalorando SEXualidades) é um grupo de estudo que possui a proposta de inserir discussões e de intervir na formação através de temas relacionados a perspectiva Pós-estruturalista de gênero e sexualidade, com o objetivo de mudança nos paradigmas da formação na academia e em outros espaços da nossa sociedade.

À convite da escola, o Coletivo Transex no dia 08 de novembro de 2013, iniciou a realização de encontros com grupos de estudantes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, inseridos no Programa Mais Educação¹, com o objetivo de aumentar a oferta educativa nas escolas públicas, por meio de atividades optativas que permitem melhorar o ambiente escolar.

Os encontros aconteciam com duração em torno de 50 a 60 minutos tendo como dispositivo, atividades dirigidas, oficinas, dinâmicas, temas livres e dispositivos apontados e trazidos pelos alunos (o que mais surgiu foi música, principalmente o funk e o rap, discussões sobre pornografia e relacionamentos em geral). Nosso objetivo era uma troca e não estar ali para ensinar ou se colocar em uma posição de "expert", sendo facilitadores nas discussões a partir de um dispositivo ou demandas que surgissem no grupo, promovendo trocas, discussões

¹ O Programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial n.º 17/2007 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral.

e reflexões a partir do que aparecesse, procurando pensar no contexto da realidade dos estudantes, associando as suas vivências e a teoria estudada.

Procuramos sempre deixar claro o quanto poderiam ficar a vontade em suas falas, no sigilo e que aquele espaço não serviria para julgamento moral, evitando definições de certo ou errado; mas sim um espaço que propiciasse uma brecha nos discursos politicamente correto, (re)pensando nas ideias fixas e enrijecidas, nos discursos (re)produzidos e repetidos. Para o grupo produzir era extremamente importante que os jovens tivessem uma confiabilidade, que exige um certo nível de vínculo, que foi sendo construído no decorrer do processo do grupo.

3 “Dêem um jeito nessas meninas, pois estão uns foguetinhos”

Durante o 2º semestre de 2013, no primeiro encontro contamos com 17 estudantes em cada grupo; no primeiro havia 16 meninas (de 11 a 16 anos) e no segundo 3 meninas e 14 meninos (de 13 a 16 anos), segundo a professora diretora do programa Mais Educação, foram separados “aleatoriamente”, não levando em consideração o gênero, mas os horários que os estudantes teriam oficinas no Centro de Referência em Assistência Social - CRAS (que eram pré-requisito, assim como a frequência na escola para as famílias continuarem participando do programa de transferência de renda). Primeiramente nos apresentamos, como grupo TRANSEX, acadêmicos e professor.

Foi proposto aos presentes a Oficina 1: *Adolescências e juventudes do Guia HQ SPE um guia para utilização em sala de aula*², que consiste na confecção de cartazes através de recortes de revistas que tivessem fotos de jovens, com o intuito de perceber as adolescências como construções históricas e sociais e identificar as situações de exclusão a que estão expostos alguns/algumas pré-adolescentes, adolescentes e jovens por características como gênero, raça/etnia, orientação sexual, classe social. Os cartazes confeccionados pelos estudantes de um modo geral continham fotos com temas relacionados a namoro, violência, esportes, drogas, moda, tecnologias e redes sociais. Na apresentação dos trabalhos, questionamos os estudantes sobre como essas temáticas são trabalhadas na escola, ao passo que aqueles consideravam que havia certa rigidez por parte da instituição em tratar de temas como afetividade (namorar, ficar, beijar) e sexualidade, muitas vezes lançando mão de métodos de cunho repressivo para tal, algumas vezes chamando os alunos para “conversar”,

² UNESCO, Ministério da Saúde e Ministério da Educação. Guia HQ SPE um guia para utilização em sala de aula. 2010

mas essa conversa, segundo os alunos era apenas uma repressão ou ralhada. Algumas vezes eram chamados os pais, ou dado bilhetes para o aluno trazer assinado pelo responsável na próxima aula.

No segundo encontro, logo na entrada, a professora coordenadora do programa nos levou até a sala junto com as meninas e disse: “dêem um jeito nessas meninas, que estão uns foguetinhos”. Entre as estagiárias, estava claro a “metáfora” do foguete usada, de um objeto que “viaja” para o espaço e que “tem fogo no rabo”. Logo após a saída da professora indagamos às alunas que sentido elas tinham atribuído ao que a professora havia dito. As estudantes responderam que estava ocorrendo muitos casos de namoro dentro da escola, ao passo que citavam nomes e cutucavam umas as outras, em tom de brincadeira. Trouxeram que a escola proibia namoros no seu espaço e que quando isto ocorria os pais eram chamados a intervir. Neste contexto, a autora Louro (2010, p. 90) aponta para uma difícil tarefa da educação, que seria ao mesmo tempo a de incentivar a sexualidade tida como “natural”, mas, ao mesmo tempo contê-la. Fica evidente que ao mesmo tempo em que a escola tentava fazer uma manutenção da feminilidade, inscrevendo-as em cursos de manicure, regulando suas vestimentas(short curto ou saias são proibidas pela escola); também havia uma preocupação que as meninas não namorassem nem na escola, nem nas proximidades. E nesse sentido que se dão as pedagogias da sexualidade: produzir e manter a heterossexualidade e paralelamente repreendendo os alunos que expressam algum tipo de relação afetivo/sexual.

4 Aqui não podemos “falar essas coisas”

No decorrer dos demais encontros trabalhamos com a dinâmica da *Caixa de Pandora*³, a qual consiste em uma caixa com alguns recortes e revista, perguntas, imagens, etc. Tinha como objetivo propiciar a fala dos estudantes de uma forma descontraída e espontânea. Entre os conteúdos, alguns estavam relacionados à gênero, sexualidade, bullying, violência, escola e drogas. O grupo posicionado em círculo recebeu a caixa, e esta foi passando de mão em mão, em quando uma música tocava, e quando fosse interrompida aquele aluno que estivesse segurando a caixa deveria abri-la, retirar um dos recortes, ler e expor ao restante do grupo sua opinião, podendo, no entanto decidir se queria ou não fazer, devolvendo o recorte para a caixa ou passando o mesmo a algum outro integrante que quisesse responder. O

³ Programa nacional de Direitos Humanos (PnDH-3) / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da república - rev. e atual. - - Brasília: SDH/Pr, 2010

objetivo da dinâmica era levantar questionamentos e discussões acerca dos temas sugeridos, ouvir relatos de experiências vivenciadas ou presenciadas pelo grupo. Durante a atividade proposta, os integrantes do segundo grupo (o misto) se demonstraram motivados a realizar as dinâmicas, buscando participar de forma espontânea, questionando uns aos outros e também solicitando maiores esclarecimentos. Na dinâmica da caixa de Pandora, surgiram algumas situações em que eles ficaram receosos em expor suas opiniões, por estarem em âmbito escolar, alegando que, *“aqui não podemos falar essas coisas”*, sendo esclarecido pelos integrantes do Coletivo Transex, que nesses encontros podemos falar sobre tudo, e que não seria levado ao conhecimento da direção escolar o conteúdo integral de nossos encontros. Em momentos em que surgiam falas, que reproduziam preconceito, os próprios integrantes do grupo se manifestavam, buscando questionar tais expressões.

No primeiro grupo(das meninas), ficou claro através de varias dúvidas(tais como se sexo oral engravidaria, ou se meninas podem se masturbar, ou se perder a virgindade “de trás” doeria mais ou menos que a “da frente”) que não havia diálogo sobre questões relacionadas à sexualidade nem na escola nem na família fora aquelas relativas a reprodução, que visam prevenir adolescentes grávidas, e que evidentemente além de não sanarem as dúvidas, não deixavam espaço aberto para perguntas. Louro(2010) aponta para a problemática do ensino biologicista com ênfase na sexualidade reprodutiva, que acaba muitas vezes gerando mais dúvidas. Apareceram também varias questões quanto à discriminação, bullying, racismo. Em especial uma menina (única loira de olhos claros do grupo), falou que por ser a diferente era a que as colegas mais implicavam, que por mais que as amigas falassem carinhosamente, ela se sentia ofendida quando a chamavam de “gringa polenteira”, oxigenada, etc. falamos um pouco das diferenças, do como é difícil lidar com aqueles que são diferentes de nós e o porquê isso é incômodo, e os alunos comentaram sobre a falta de preparo para lidar com essas situações. Louro(2010) aponta para o currículo e as normas regimentais como produtores de desigualdade, propiciando a discriminação, e um dos exemplos citados pelas meninas era quanto a vestimenta, que elas não podiam usar bermudas nem na educação física, mas os meninos sim, mesmo que fossem separadas as aulas e estivesse muito calor.

5 Aulas de “sexo”

Segundo os grupos, eles tinham ocasionalmente palestras paralelamente às atividades que estávamos propondo, que apelidaram de “aulas de sexo” com estudantes de outros cursos

da URI (tal como da biologia), que também tinham como temática a sexualidade, mas a abordagem era bem mais organicista, com assuntos em pauta como doenças sexualmente transmissíveis, uso de preservativos, geralmente trabalhando com grupos separados (meninas e meninos), e com o objetivo claro de uma “educação sexual” enfatizando a sexualidade como reprodutiva, permitindo-nos entender:

“Essa ênfase na reprodução é a principal responsável pelo raciocínio de aceitar (como possível, como normal como “natural”) exclusivamente o envolvimento afetivo entre pessoas o sexo oposto. Além disso, traz outras implicações e limitações: 1) legitima apenas a vida sexual daquelas pessoas que estão no período reprodutivo [...] 2) legitima a prática com penetração vaginal como indiscutivelmente como a única e a melhor favorecendo o preconceito a outras práticas sexuais e a masturbação, 3) acentua a incompreensão da possibilidade de pessoas do mesmo sexo estabelecerem relacionamentos afetivos e sexuais 4) dificulta o entendimento e a aceitação de uma sexualidade objetivando o prazer, sem a intencionalidade de filhos; 5) ingressa a idéia de família como sendo aquela que, necessariamente, é constituída de um homem, uma mulher e filhos[...]” (LOURO, 2010, p.73)

Apesar de possuir uma proposta semelhante ao nosso grupo, com os acadêmicos de outros cursos acontecia o formato de palestras/aulas pontuais, onde os alunos mais observavam e escutavam passivamente, sem um vínculo minimamente formativo permitindo-os perguntar ou tirar dúvidas, diferentemente dos grupos participativos em formatos de oficinas que estávamos propondo.

6 Lãs e rosas

Durante o 1º semestre de 2014, segundo semestre nosso na escola, continuamos com dois grupos nas sextas feiras com cerca de 15 estudantes cada, ambos mistos. A sala que ocupamos passou a ser a biblioteca/sala de computadores, e a professora que cedeu os horários das aulas de português para realizar as atividades começou a participar.

Em um encontro como o grupo propusemos a eles a *Dinâmica das lãs*, com o objetivo de sensibilizar o grupo para a abrangência do conceito de direitos humanos⁴, promovendo a compreensão da diversidade de assuntos relacionados/implicados. A metodologia utilizada foi: formado um círculo com as cadeiras e em cada cadeira haverá uma folha com uma palavra que poderá ser: “mulher”, “sexualidade”, “violência”, “trabalho”, “criança”,

⁴ Programa nacional de Direitos Humanos (PnDH-3) / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. rev. e atual. Brasília : SDH/Pr, 2010.

“desigualdade”, “adolescente”, “minorias”, “proteção”, “direitos humanos”, etc. e que ficará com cada aluno. A lã ser sorteada demos início, jogando-a para quem tiver a palavra que acredita que se relacionada com a sua. Ao concluir a atividade, foram questionados como as palavras se interligam e se relacionam. No dia programado para a atividade, a escola tinha se “descuidado” marcado uma atividade com os alunos do projeto mais educação no dia da semana que era programado para virmos. No dia havia apenas 2 alunos e a professora, e decidimos adiar a atividade para a outra semana.

No encontro seguinte, repetimos a *Dinâmica das lãs*, realizamos a atividade desta vez com todos os adolescentes, atingindo o objetivo principal, que todos percebessem como as palavras, situações estão sempre interligadas, sejam na efetivação dos nossos direitos, como também na violação destes. Durante a dinâmica o que mais se sobressaiu, foi à violência contra a mulher, onde alguns deram exemplos de experiências vivenciadas dentro da comunidade em que vivem e dentro de suas famílias.

Foi sugerido pelo grupo que pudéssemos discutir a letra da musica Rosa*, do Grupo de Rap/Hip Hop Atitude Feminina, que até então era desconhecida pela estagiariás, porém nos comprometemos a pesquisar e trazer para as discussões do próximo encontro. Na pesquisa que realizamos percebemos que se tratava de uma letra riquíssima de conteúdos á serem trabalhados, uma vez que fala de violência doméstica, abandono escolar, negligência familiar, drogas, etc... No próximo encontro, levamos o videoclipe da musica, que contava a história de uma moça que sofria violência doméstica. Durante o vídeo, o um funcionário entro para ligar os computadores que são usados depois do grupo e ficou assistindo o vídeo, como se quisesse se “certificar” do que estava sendo passado para os alunos. Após o término do vídeo os alunos permaneceram em silêncio e os que começaram a falar sobre ele, o fizeram com frases curtas, em que buscavam uma solução para a situação vivida pela personagem da musica, enfatizando que ela precisava de um “final feliz”. Questionamos qual seria o final feliz, sendo que cada um deu sua opinião e sugestão, para que aquela situação pudesse ter sido evitada, como, por exemplo: “*ela não devia ter largado a escola*”, “*tem a Maria da Penha*”, referindo-se à lei⁵.

⁵ Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. (Lei Maria Da Penha)

7 Se eu fosse...

No ultimo encontro, os integrantes relatam que não conseguiram se reunir para decidirem quais atividades realizariam, tendo apenas três meninas e um menino, feito a inversão de papéis, questionamos como, se sentiram estando em uma posição diferente da costumeira, sendo relatado que estavam à vontade, não se sentindo nem um tipo de constrangimento. Já imaginando que poderia ocorrer uma resistência maior pelo grupo para realizarem uma atividade que não tivesse sido previamente direcionada por nós, levamos como reserva dinâmica *Quebrando Paradigmas - Masculino x Feminino*. O objetivo da dinâmica foi poder propiciar um momento em que se colocando no papel do gênero oposto ao seu pudessem refletir e discutir acerca das obrigações e deveres impostos a cada gênero. Sendo assim completando e escrevendo as seguintes frases: As meninas "Eu como homem, posso... /eu como homem devo...". e os meninos completaram as frases : "Eu como mulher, posso.../eu como mulher devo...". Ao completarem, pedimos que voltássemos ao círculo e que cada um relatasse o que escreveram. Alguns se abstiveram em responder, preferindo guardar ou nos entregar suas escritas dobradas. Muitos dos bilhetinhos tinham dizeres normatizados, quanto em relação às vestimentas, ao numero de parceiros/as, ao comprimento do cabelo, que foram prontamente problematizados por nós e pelos próprios alunos. Louro(2008) aponta para as normas culturais “que há muito assentadas sejam reiteradas por várias instâncias, é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade.”

Entretanto a o objetivo da proposta foi atingido, uma vez que eles conseguiram colocar-se no lugar do outro, ou melhor, pensar sobre em que lugar colocamos o outro, quando o pensamos diferente de nós a partir do gênero.

8 Um não-lugar

Um aluno nos relatou que uma professora, em nome da escola havia convidado ele a se retirar, mas sem motivo aparente, na roda uma menina também se manifestou, disse que havia acontecido o mesmo, da professora sugerir que fosse trocada a escola por uma de ensino fundamental e médio do bairro. Ela disse que contou para os pais, que foram averiguar na escola, pois o transporte seria dificultado pela distancia, mas a professora negou, fazendo a aluna se passar por mentirosa, e ela ficou bastante magoada. Estes dois alunos em especifico,

apesar da idade ser a mesma dos colegas de sala e deles não terem repetido nenhum ano, tinham um tamanho maior, o menino era bastante alto e a menina já tinha “corpo”. Louro(2010) fala das identidades “Ex-centricas”, que seriam aqueles que não estão no centro, se referindo às subjetividades “marginais”, que não fazem parte dos grupos hegemônicos, silenciando os que não pertencem ao “centro”. A autora chama a atenção para instituições reguladoras e seus processos:

Um olhar mais cuidadoso mostra que todos os processos sempre estiveram – e estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos das meninas e dos meninos, jovens, homens e mulheres. Os corpos foram – e são – objetos da mais meticulosa atenção, não apenas as escolas, mas de várias instituições sociais (LOURO, 2010, p.7).

De certa forma, esses alunos, que tinham um corpo que “não correspondia” a medida padrão de tamanho, incomodaram os professoras ao ponto deles desconsiderarem a idade do aluno como critério padrão e considerar a estatura e o peso como critério, sugerindo aos alunos que o ensino médio seria o lugar deles, e não ali.

9 Trocando de “sexo”

Foi proposto para os alunos uma “inversão de papéis”, que eles aceitaram empolgados, e foi combinado para na semana seguinte virem a escola vestidos como do sexo oposto, e ficou combinado que iríamos também. Na semana seguinte quando chegamos notamos que alguns haviam se caracterizado e outros não, mas logo que nos viram alguns casais se combinaram, foram nos banheiros e se trocaram de roupa, apesar e alguns terem se mostrado muito resistentes e não quererem participar. A professora que acompanhava o grupo também aderiu, colocando um boné. Quando alguns colegas ou professores olhavam para dentro da sala era visível o estranhamento, alguns riam das “performances” que os alunos faziam, as meninas ensaiavam trejeitos tipicamente tidos como masculinos, tal como um andar mais rígido, enquanto os meninos ensaiavam uma performance feminina, mesmo uns chamando os outros de termos que sugeriam uma homossexualidade. Discutimos em grupo sobre o que torna uma pessoa do gênero que ela é, e o grupo se dividiu quanto ao gênero que a pessoa se identifica ou quanto ao que ela “é”, ou como ela age. A autora afirma que, quando se fala de identidade, o gênero é um determinante mais ético;

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o

momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente. (LOURO, 2008, p.2)

Louro(2008) ainda complementa comentando sobre a forma e o espaço que se dão esses processos: “Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas que devem ser seguidas? Qualquer resposta cabal e definitiva a tais questões será ingênua e inadequada.” Se considerarmos as espiadas dentro da sala, as rizadas, caretas e ocasionais expressões horrorizadas como: “*mas o que é isso?*”, podemos dizer que também acabam servindo como manutenção de gênero no sentido de regularem o como os alunos se comportam, e se está adequado ao seu gênero.

10 Resultados

Com o andamento dos grupos, os alunos foram se sentindo mais a vontade para falar, entendendo que o espaço não servia para dar aulas, mas para proporcionar discussões, que não haveriam notas ou provas, que o espaço não serviria para avaliar o que estavam aprendendo, mas para compartilhar o que cada um sabia, e se fez necessário mais de uma vez reforçarmos que não éramos “profes”, que eles poderiam nos chamar como colegas.

Apesar dos grupos terem sido um pouco dispersos, e até certo ponto visto por parte dos alunos como meramente recreativos, percebemos nesse desejo a importância de não se perder esses espaços de troca, que para os alunos, que passam a maior parte do tempo sufocados em um ambiente escolar, esse espaço servia como “respiradouro”.

Conclusão

Através das discussões com o grupo de estudantes e das atividades realizadas em conjunto, podemos perceber no discurso dos educadores que estes encontram grandes dificuldades em abordar as temáticas voltadas a gênero e sexualidade dentro das escolas, associando esta dificuldade ao despreparo quando ainda em formação acadêmica. Os educadores enfatizam a necessidade de uma formação mais ampla, uma vez que descrito por eles não há uma cadeira específica para estas discussões; como também ressaltam o receio de que os pais dos alunos interpretem de forma equivocada estas abordagens. Sugerindo assim, a

abertura de espaços fora do currículo escolar, para que se possa trabalhar gênero e sexualidade, com estudantes, bem como com os pais e professores.

Dos estudantes percebemos um grande entusiasmo frente às propostas a serem trabalhadas, uma vez que é relatado por eles o caráter repressivo e punitivo em que são tomadas as discussões sobre gênero e sexualidade em âmbito escolar e familiar, em momentos em que estes buscam elucidar suas dúvidas perante os assuntos que são vivenciados por eles diariamente, seja na escola, no convívio social e familiar como também em meios de comunicação.

Concluimos com a percepção de que há o desejo dos alunos em participar de maiores discussões sobre essas temáticas de uma forma participativa, onde haja abertura para o diálogo, eles possam contribuir trazendo para as conversas seus anseios, dúvidas assim como situações vivenciadas; com os educadores, professores e funcionários compartilhando destas mesmas conclusões, sendo enfatizada a importância de uma continuidade das discussões; porém todos em fim concordamos que não seja o ideal fazê-los em sala de aula no formato de disciplinas, primeiro pela dificuldade de lecionar uma disciplina fora da grade curricular e segundo pelo formato das aulas ser mais fechado, impedindo uma discussão; assim como deixamos em aberto para aqueles que pretendem experienciar novas formas de discutir sobre a temática em escolas.

Referências

LOURO, G. L. **Conversações sobre gênero, sexualidade, Teoria Queer e educação:** entrevista com Guacira Lopes Louro. [dez 2012] Revista do Difere. Entrevista concedida a Vilma Nonato de Brício.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. 192p

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade, educação:** uma perspectiva pós estruturalista Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 184p

LOURO, G. L. NECKEL, J. F. GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero & sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010

LOURO, G. L. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2º ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. 176p

LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, jan.-abr., 2006. Entrevista concedida a Justina Franchi Gallina.

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a questão das diferenças**: por uma analítica da normalização. 2009.19p